

ENCONTROS CONSONANTAIS NO PORTUGUÊS DO BRASIL, NO
PORTUGUÊS EUROPEU E NA LÍNGUA INGLESA:
ANÁLISE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZADO DO INGLÊS COMO LE

Maria Flávia de F. Pereira BOLLELA (Universidade de Franca / PG – UNESP)

ABSTRACT: *Clusters are differently spread in the Portuguese and in the English Languages. Brazilian Portuguese and European Portuguese present, to some extent, distinct sequences of consonants. Due to this fact, speakers of Brazilian Portuguese and of European Portuguese undergo different difficulties during the learning process of the English phonological system.*

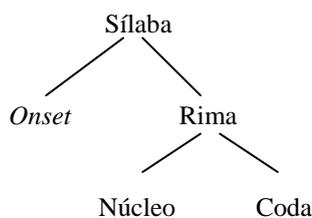
KEYWORDS: *clusters; syllable; FL acquisition; language transfer; phonetics.*

O objetivo deste artigo é fazer uma análise comparativa dos grupos consonantais (*clusters*) presentes no Português Europeu (PE), no Português do Brasil (PB) e na Língua Inglesa (LI) e mencionar possíveis dificuldades que falantes do PB apresentam face ao aprendizado dos *clusters* da LI.

Para melhor contextualização dos *clusters*, será feita uma breve introdução sobre o conceito de sílaba.

1. Os *clusters* dentro da estrutura silábica

A teoria auto-segmental, inserida nas propostas de análise da fonologia não-linear, apresenta a seguinte estrutura interna básica da sílaba:



Essa teoria prevê que:

- toda sílaba tem um núcleo;
- as consoantes que precedem este núcleo constituem o *onset* da sílaba;
- as consoantes que o sucedem formam a coda da sílaba; e
- o núcleo e a coda juntos formam a rima.

As sílabas são constituídas de vogais (V) e consoantes (C). Toda língua tem restrições em relação a quais consoantes e vogais podem ocorrer numa seqüência. Afirmacões acerca de quais seqüências de fonemas são possíveis e quais, são impossíveis numa língua constituem a fonotática dessa língua.

Os *clusters*, que constituem o tema central deste trabalho, podem ser definidos como encontros consonantais tautossilábicos, isto é, o conjunto de duas ou mais consoantes presentes numa mesma sílaba.

Passamos então à descrição das sílabas da Língua Portuguesa (LP) e da LI onde os *clusters* se fazem presentes.

2. Os *clusters* da língua portuguesa

Se consideramos apenas as consoantes, podemos afirmar que no PB podem ocorrer até duas consoantes no *onset* e até duas consoantes na coda, como ilustram os padrões, apresentados por Cagliari (1981), no quadro abaixo:

Padrão Silábico	Forma Ortográfica	Exemplo
C V C C	perspectiva	[perspekítiva]
	mães	[mãĩ̃js]
C C V C	plástico	[ˈplastiku]
	umbrais	[ũmˈbrais]
C C V C C	trens	[trẽĩ̃js]
	cobrões	[kɔˈbrõĩ̃js]

Os dados acima nos permitem dizer que a estrutura máxima de uma sílaba do português é $C_1C_2VV'C_3C_4$ ou $C_1C_2V'VC_3C_4$. Onde C_1 , C_2 , C_3 e C_4 são segmentos consonantais opcionais, V' segmento vocálico correspondente ao glide (que pode ser prevocálico ou posvocálico) e V segmento vocálico (núcleo da sílaba).

Na descrição da sílaba da LP, Mateus e Andrade (1998) e Cristófaru (1999) apresentam exemplos semelhantes de *clusters* no *onset*. Vejamos o quadro apresentado por Cristófaru:

Duas consoantes prevocálicas				
Consoante	Início de palavra		Meio de palavra	
	CCV	CCVV'	CCV	CCVV'
/pr/	/pr/ece	/pr/eito	a/pr/eço	com/pr/ou
/pl/	/pl/ano	/pl/eura	a/pl/ica	a/pl/auso
/br/	/br/asil	/br/eu	a/br/e	a/br/iu
/bl/	/bl/oco	(/bl/au)	em/bl/ema	_____
/tr/	/tr/ato	/tr/eis	a/tr/ás	en/tr/ou
/tl/	_____	_____	a/tl/as	_____
/dr/	/dr/ácula	/dr/uída	a/dr/o	enqua/dr/ei
/dl/	_____	_____	_____	_____

/kr/	/kr/avo	/kr/ei	a/kr/e	la/kr/ei
/kl/	/kl/ave	/kl/áusula	cabo/kl/o	_____
/gr/	/gr/ave	/gr/ou	ma/gr/a	san/gr/ei
/gl/	/gl/utão	/gl/auco	en/gl/oba	_____
/fr/	/fr/aco	/fr/aude	Á/fr/ica	con/fr/ei
/fl/	/fl/ama	/fl/euma	a/fl/uente	a/fl/ui
/vr/	_____	_____	li/vr/o	li/vr/ei
/vl/	(/vl/admir)	_____	_____	_____

Sobre os exemplos acima (sílabas com duas consoantes prevocálicas), Cristófaru enumera as seguintes restrições:

- Quando C₁ e C₂ ocorrem, a primeira consoante é uma obstruente (categoria que inclui oclusivas e fricativas pré-alveolares) e a segunda consoante é uma líquida (categoria que inclui /l, r/.
- /dl/ não ocorre e /vl/ ocorre apenas em um grupo restrito de nomes próprios que são empréstimos (ex: Wladimir, Wlamir, etc.).
- /vr/ e /tl/ não ocorrem em início de palavra e apresentam distribuição restrita, ou seja, com poucos exemplos.

Em posição posvocálica, ou seja, na rima, ocorrem, na LP, no máximo duas consoantes, sendo o mais comum a ocorrência de apenas uma. As consoantes que podem ocorrer em posição posvocálica no português são os arquifonemas /S/, /R/, o arquifonema nasal /N/ e o fonema /l¹. Para que ocorram duas consoantes na rima, a segunda tem que ser necessariamente o /S/.

Resta dizer que o número máximo de consoantes que podemos encontrar em uma seqüência em uma única palavra da LP é quatro, como ocorre na palavra "trans.plan.te".

Vejamos, então, algumas distinções entre o PB e o PE no que se refere aos *clusters*.

3. Divergências entre o PE e o PB: a queda vocálica X a vogal epentética

Leite (1997: 157), em seu artigo *Vogais Silenciosas?*, declara que "o português, especialmente a sua variante européia, é uma língua que apresenta grupos consonânticos reconhecidamente extensos. Estes grupos consonânticos advêm da queda sistemática das vogais átonas."

Vejamos alguns exemplos de *clusters*, decorrentes de queda vocálica, encontrados no PE e apresentados por Leite:

Forma fonética	Forma ortográfica	Forma fonética	Forma ortográfica
l – [ʃprjêŋs ¹ e]	experiência	9 – [ɐlɲar]	alinhar

¹ O fonema /l/ em posição final de sílaba pode ocorrer como uma lateral alveolar (ou dental) velarizada [ɫ] ou vocalizado [w]. Palavras como "mel" e "alto" podem ser pronunciadas [mɛɫ] ou [mew] e [aɫtu] ou [awtu], dependendo do dialeto em questão.

2 – [plɪtɪkə]	política	10 – [lɔːdr̩f]	Londres
3 – [pɹtʊɡəl]	Portugal	11 – [ɪtr̩s̩t̩]	interessante
4 – [əwtmɔβəl]	automóvel	12 – [kɹnes ^u]	conheço
5 – [pr̩sɪzəm̩t̩]	precisamente	13 – [smal̩jə]	Somália
6 – [ʃm̩n̩ə]	semanas	14 – [ɪdp̩d̩t̩m̩t̩]	independentemente
7 – [ɪkn̩ɔmɪkə]	econômica	15 – [ɪtr̩v̩s̩ɔ̃j̩]	intervenções
8 – [pr̩bl̩m̩ə]	problemas	16 – [kōsɪdr̩s̩ɛw̩]	consideração

Os exemplos nos mostram que os *clusters* do PE podem chegar a atingir, no nível fonético, até cinco fonemas consonantais em posição de *onset*. O mesmo não ocorre no PB, que, ao contrário, apresenta tendência à inserção de vogais epentéticas que servem de apoio à sílaba.

As palavras listadas abaixo manifestam-se foneticamente de maneiras distintas no PE e no PB. Todas as seqüências consonantais aí presentes são mantidas no PE e são desfeitas por uma vogal epentética no PB:

pneu	[pi]neu	absurdo	a[bi]surdo
gnomo	[gi]nomo	pacto	pa[ki]to
psicologia	[pi]sicologia	afta	a[fi]ta

Passemos, agora, à descrição dos encontros consonantais da LI.

4. Os *clusters* na língua inglesa

Encontramos, na LI, *clusters* com até três consoantes no *onset*.

Os exemplos abaixo ilustram *clusters* com duas consoantes prevocálicas:

- Cr- (consoante + /r/): pray, brave, train, drain, craze, graze, frill, thrill, shrill.
- Cl- (consoante + /l/): play, blade, clay, glaze, flay, slay.
- Cw- (consoante + /w/): twin, dwindle, quit, Gwen, thwart, swim.
- sC- (/s/ + consoante): spy, sty, sky, sphere, smile, snow

Kreidler (1989: 219) define as seguintes possibilidades e restrições para o *onset* de duas consoantes na LI:

- Seqüências possíveis: oclusivas e fricativas ocorrem antes de /r l w/, / t d k g s θ/ podem ocorrer antes de /w/, /p b k g f s/ podem ocorrer antes de /l/, e /p b t d k g f s ʃ θ/ podem ocorrer antes de /r/.
- Restrições: /s/ não ocorre antes de /r/, /t d θ ʃ/ não ocorrem antes de /l/, e /p b f ʃ/ não ocorrem antes de /w/.

Quando encontramos na LI três consoantes no *onset*, a seqüência sempre consiste de /s/ mais uma oclusiva desvozeada /p t k/ mais uma consoante líquida ou glide, que Kreidler expressa na seguinte fórmula seguida de exemplos:

$$s \left\{ \begin{array}{c} p \\ t \\ k \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{c} l \\ r \\ w \\ j \end{array} \right\}$$

Split [split]	street [stri:t]	scream [skri:m]
Spry [sprai]	stew [stju:]	square [skwɛr]
Spew [spju:]		

Em posição de rima, há divergências quanto ao número máximo de consoantes. Kreidler admite duas possibilidades fonotáticas para os monossílabos da LI:

1) com vogal travada 2) com vogal livre

$$C_0^3 VC_1^3 \qquad C_0^3 VC_0^2$$

Na LI, a rima de uma única consoante admite todos os fonemas consonantais, exceto o /h/. Aspecto que distancia enormemente a LI da LP.

Para as rimas compostas de duas consoantes, Kreidler apresenta as seguintes seqüências:

- -rC: harp, verb, hurt, word, arch, urge, word, berg, wharf, carve, birth, force, harsh, harm, barn, curl.
- -lC: help, bulb, belt, weld, belch, bulge, milk, shelf, delve, filth, pulse, Welsh, film.
- -NC (nasal + consoante): lamp, ant, hand, lunch, sponge, bank, nymph, month, rinse, lens.
- -OF (oclusiva + fricativa): lapse, spitz, fox, adze.
- -OO (oclusiva + oclusiva): apt, act.

Para os *clusters* de três consoantes na rima, de acordo com Kreidler, temos:

- 3 obstruintes: text, midst.
- nasal + 2 obstruintes: prompt, distinct, glimpse, jink, against, amongst.
- líquida + oclusiva + fricativa: corpse, quartz.
- 2 líquidas + oclusiva: world.

Para Kreidler, nenhuma palavra da LI termina com mais de três fonemas consonantais — a menos que seja um fonema flexional. Para ele, os fonemas flexionais são considerados extra-silábicos, isto é, não fazem parte da constituição básica da sílaba. Exemplos de fonemas flexionais são: /t/ ou /d/ (verbos regulares no passado) e /s/ ou /z/ (formação de plural, 3ª pessoa do singular, possessivo ('s) e contrações). Sufixos deste tipo gerariam palavras como: jink-ed /dʒɪŋkst/ e tempt-s /temptʃ/.

As palavras acima são vistas por um prisma distinto em Celce-Murcia *et al* (1996). Segundo essas autoras, a sílaba da LI pode ser constituída de no mínimo uma vogal, e no máximo de três consoantes no *onset* e quatro consoantes na rima. Dessa forma, fonemas flexionais (como: /s/ e /z/, /d/ e /t/) são considerados como qualquer outro. A partir desse ponto de vista, a configuração máxima da sílaba na LI seria:

$$C_0^3 VC_0^4$$

5. Implicações para o processo ensino/aprendizado da LI para falantes do PB

Como vimos nos itens 2, 3 e 4, os *clusters* distribuem-se de maneiras distintas na LP e na LI. O PB e o PE apresentam diferentes possibilidades de combinação. Isso

se dá, principalmente, em decorrência do fato de no PE haver uma forte tendência à redução e à queda vocálica, fenômeno incomum no PB. Sendo assim, essas duas modalidades de português terão aproximações distintas da LI, quando confrontadas. Conseqüentemente, falantes do PB e do PE apresentarão, por sua vez, dificuldades diferentes frente ao aprendizado do sistema fonológico da LI.

As comparações, aqui apresentadas, nos mostram que: enquanto o PB demonstra ampla propensão à epêntese do /i/ como vogal de apoio — em contextos como /pi'new/, /gi'nomo/, etc. —, o PE apresenta propensão aos encontros consonantais — como vemos em /'plitika/, /'lõndrʃ/, etc. —; já a pronúncia da LI é marcada pela presença de *clusters* e de vogais silenciosas, isto é, aquelas que aparecem na representação ortográfica mas que não se realizam como tal na cadeia da fala, é o caso do *e* na pronúncia de palavras como: /maynd/ *mined*, /læft/ *laughed*, /meyk/ *make*, etc.

Ao se aprender uma língua estrangeira, a aquisição da pronúncia de novas seqüências de *clusters* pode se tornar um desafio. Esse tipo de análise serve também para evidenciar, aos alunos, a diferença entre os sistemas ortográfico e fonético-fonológico das línguas; distinção de caráter fundamental, sobretudo, no que se refere ao aprendizado de línguas estrangeiras.

RESUMO: Os *clusters* distribuem-se de maneiras distintas na LP e na LI. A LI comporta-se de forma uniforme em relação a esse fenômeno; já o PB e o PE apresentam diferentes possibilidades de combinação para as seqüências consonantais. Em decorrência desse fato, falantes do PB e do PE terão dificuldades diferentes frente ao aprendizado do sistema fonológico da LI.

PALAVRAS-CHAVE: *clusters*; sílaba; aprendizado de LE; transferência lingüística; fonética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1981. 185p. Tese (Livre Docência) — Departamento de Lingüística, Universidade de Campinas, 1981.
- CELCE-MURCIA, Marianne, BRINTON, Donna M., GOODWIN, Jante M. *Teaching pronunciation: a reference for teachers of English to speakers of other languages*. New York: Cambridge University Press, 1996. 435 p.
- KREIDLER, Charles W. *Discribing spoken English: an introduction*. London: Routledge, 1997. 236p.
- _____. *The pronunciation of English: a course book in phonology*. Cambridge: Blackwell, 1989. 335 p.
- LEITE, Fernando. Vogais silenciosas?. In: CASTRO, Ivo (ed.). *Actas do XII encontro nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa, 1997. v. 1, p. 157-163.
- MATEUS, Maria Helena, D'ANDRADE Ernesto. The syllable structure in European Portuguese. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 13-32. 1998.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1999. 254p.